

Boletim dos Associados do IPB

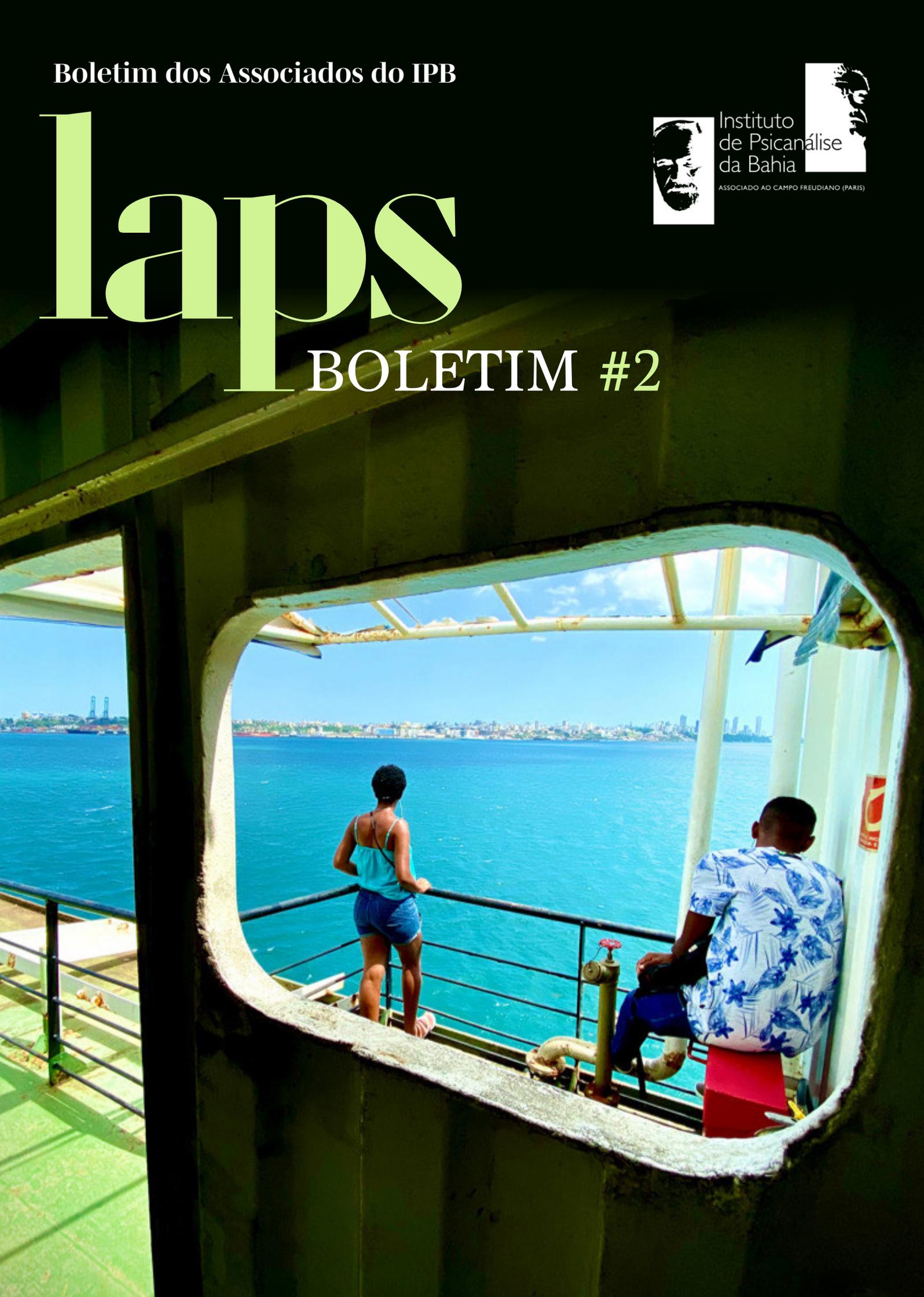
Laps

BOLETIM #2



Instituto
de Psicanálise
da Bahia

ASSOCIADO AO CAMPO FREUDIANO (PARIS)



Boletim dos Associados do IPB

laps #2

**BOLETIM DOS ASSOCIADOS
DO INSTITUTO DE PSICANÁLISE DA BAHIA**

Laps – Setembro 2025

Av. Anita Garibaldi, 1211.

Ed. Central Pinheiro. Ondina.

CEP 40170.130. Salvador, Bahia.

+55 71 9391-0304 – contateipb@gmail.com

<http://www.institutopsicanalisebahia.com.br>

EDITOR:

Wilker França

COMISSÃO DE REDAÇÃO E REVISÃO:

Pablo Sauce

Jaine Porto

Wilker França

Graziela Pires

Julia Jones

Liliane Sales

Raissa Silveira

Maíra Valente

Leila Mignac

REVISÃO DE PORTUGUÊS E DE NORMAS:

Luiz Morando

DESIGN GRÁFICO:

Kako Arancibia

DIRETORIA DO IPB - BIÊNIO 2025-2027

Bernardino Horne (Diretor Geral)

Luiz Fernando Belmonte Mena (Diretor de Ensino)

Pablo Sauce (Diretor de Planejamento e Finanças)

**CONSELHO DELIBERATIVO DO IPB
BIÊNIO 2025-2027**

Rogério Barros (Presidente)

Nilton Cerqueira (Secretário)

Aléssia Fontenelle

Bernardino Horne (Consultor Permanente)

Jordan Gurgel

Marcela Antelo



FOTOGRAFIAS

Marcelo Veras
- psicanalista
membro da
EBP/AMP



Editorial

RELANCE

por *Júlia Jones*

associada ao IPB-BA

É com alegria que anuncio a edição n. 2 do *Boletim Laps*, o terceiro!

“O sério não pode ser senão o serial”, considerou assim Lacan (1972/2008, p. 26) a importância do terceiro elemento como algo essencial para pensar o desejo e a cadeia significante. O terceiro como aquele que rompe a rigidez do binário e inaugura um campo simbólico mais complexo, permitindo deslocamentos e repetições.

Mais um boletim. Mais uma seleção de textos, imagens, diagramação. Entre tanto do mesmo para este terceiro, quero dar destaque ao que leio como a manifestação do efeito do entusiasmo e da transferência de trabalho de que tanto temos notícias no exercer do nosso ofício. Após escrever um texto e conceder fotografias autorais escolhidas para a composição do último boletim, Leila Mignac se junta

a nós, à equipe de edição. E que diferença a sua presença fez! Na última reunião em equipe, ao dar as boas-vindas à ela, Wilker França nos recordou sobre as origens da revista – intenções e argumentos de Bernardino Horne anos atrás.

No intervalo entre uma recordação e outra, um chiste, uma nova ideia. Uma reunião com o encontro entre os corpos mais a chegada dessa colega nos afetou a todos para continuarmos as séries que serão construídas ao caminharmos juntos. Olhar para trás abriu a possibilidade de saber o que deve ser feito para a frente.

Entre recordações, alguma repetição: palavra que se fez presente aos meus olhos nos três trabalhos que compõem esta edição.

Em “Entre o riso e os descaminhos do desejo”, Liliane Sales compartilha conosco uma construção sua sobre os encontros das parceiras amorosas a partir do encontro com uma pichação ao passar por uma rua da cidade. A palavra repetição aparece para nos lembrar que o Outro aparece sempre com a mesma vestimenta nas relações amorosas.

No texto de Quezia Menezes da Paz, “Acting-out e passagem ao ato na clínica com crianças”, encontramos o trabalho dedicado para diferenciar os dois fenômenos clínicos que são fundamentais para a clínica psicanalítica. A repetição aparece aí como a consequência da fixação de gozo do sujeito.

Por fim, “Idioma: língua própria”, texto em que Milla Evans se debruça a escrever a partir

“O terceiro como aquele que rompe a rigidez do binário e inaugura um campo simbólico mais complexo, permitindo deslocamentos e repetições”

repetições
repetições
repetições
repetições
repetições
repetições

da sua experiência na Feira Literária Internacional de Paraty (Flip) deste ano. Um trabalho que se apresenta como uma articulação poética à consideração que Lacan (1964/1988) faz sobre a repetição ao dizer que é na insistência da cadeia que o sujeito encontra o furo, o ponto de real, onde algo novo pode, então, surgir. No texto dela, a repetição aparece não como o encontro com um traço patológico, mas como a condição para o surgimento de algo singular. Ela diz: “tanto na poesia quanto na análise [...] a repetição se organiza numa rítmica que avança voltando”.

Que avança voltando...! Uau!

Uma edição que conta com as fotografias cedidas por Marcelo Veras, uma honra para nós da equipe.

Boa leitura! ❖

Referências

LACAN, J. *O seminário, livro 11: Os quatros conceitos fundamentais da psicanálise* (1964).

Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 1988.

LACAN, J. *O seminário, livro 20: Mais, ainda.* (1972-1973). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1985. 2008.



visível e invisível

Entre o riso e os descaminhos do desejo

por *Liliane Sales*
associada ao IPB-BA

“Mostra interesse pra vê se não largo tudo pra me decepcionar só com você..” (ass. Chinês / @muros_pensantes). Passando pela rua próxima de casa, deparo com esta pichação que me causou surpresa e até risos.

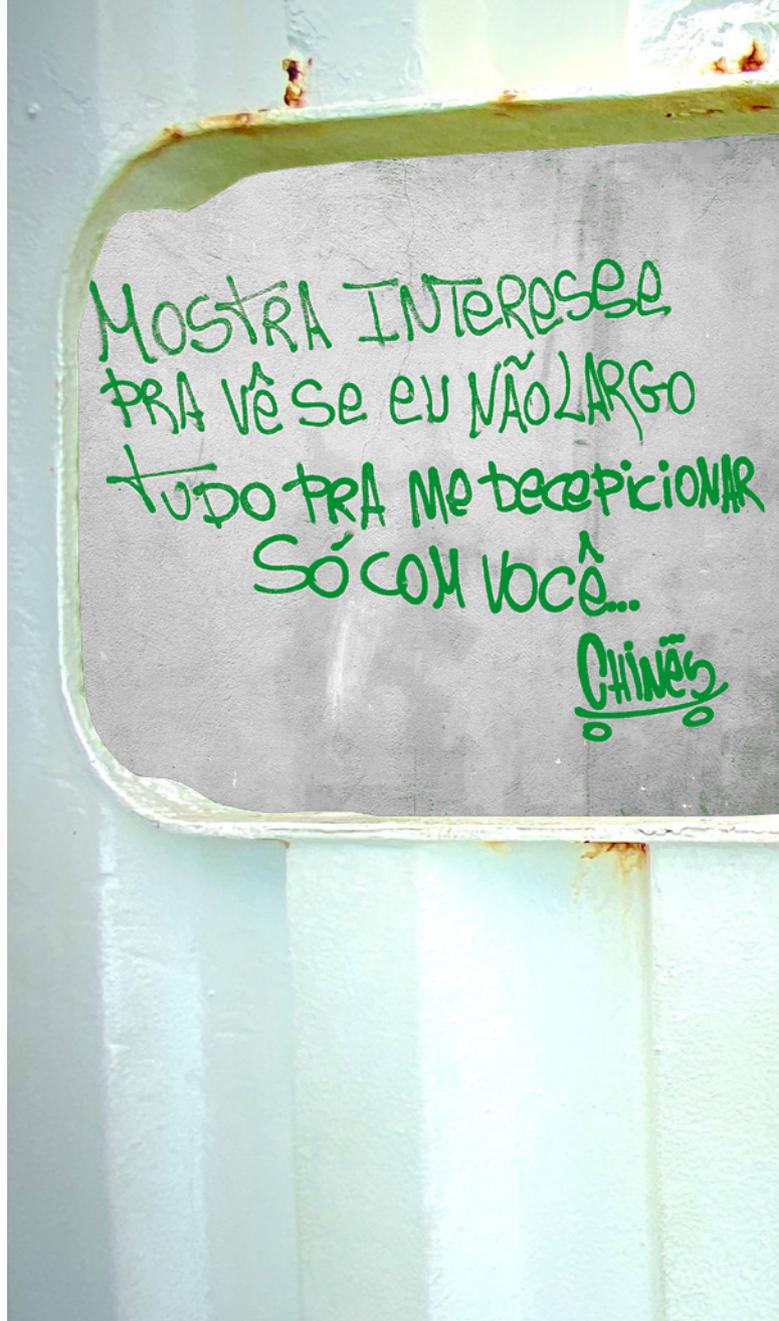
A surpresa que me pegou no meio do caminho me levou a pensar que para a psicanálise, para a dimensão da palavra dita em análise, o sujeito é sempre um enigma. A ironia da frase retrata algo de imediato de a fantasia ser bem-sucedida exatamente pelo não realizável do desejo, uma vez que a fantasia coloca o outro na posição de objeto que não corresponde ao desejo. A decepção dá a direção à relação sexual que não existe. Supõe-se que o enunciado diz da impossibilidade de dois fazer um. Mas talvez, permita a entrada na paixão e seus sabores.

O que se vê nas análises atuais são discursos que tratam com propriedade a insensatez em se apaixonar, havendo um forçamento na tentativa de esvaziar, deixar cair o objeto, sem sucesso. O percurso analítico vai permitir que o sujeito reescreva seu roteiro e vai dar lugar ao desejo que antes insistia ser insatisfeito. Rever seu modo de fazer, sua singularidade marcada pelo que ele mesmo impede de ser realizado.

Marcus André Vieira (2012, p. 11), em seu livro *A paixão*, nos diz:

Fazê-las caber na vida que se leva (as singularidades) é a exigência que preside o dispositivo analítico. Nenhuma sabedoria delas se depreende, mas inaugura-se, ali, a possibilidade de uma responsabilidade nova, pois nossa vida será sempre habitada por um excesso que não deixará jamais de surpreender, de provocar risos e escândalo e de exigir que a cada esquina estejamos à altura do que nos apaixona.

O que está posto em cena, pichado nas ruas, uma sedução e uma realidade. Ao mesmo tempo, o véu do semblante e um rasgo no campo da realidade. Esta primeira imagem captura uma identificação a mais, singular, que, fisga o olhar apaixonado, ao mesmo tempo que mantém um segredo. O visível e invisível que provocam fascinação e cegueira. E muitas vezes, medo! Se nas repetições das relações amorosas o Outro aparece sempre com a mesma vestimenta da sedução que não se sustenta e amedronta, os personagens mudam, mas o medo permanece. Por vezes, escutamos: “por



©Foto da pichação: Liliene Sales

“O que está posto em cena, pichado nas ruas, uma sedução e uma realidade. Ao mesmo tempo, o véu do semblante e um rasgo no campo da realidade.”



que sempre escolho os mesmos parceiros?”. Não há um significado primordial, posto que o real é fora-sentido. E quando ele se apresenta, os afetos ganham intensidade, uma descarga de libido, um fora de si.

Os descaminhos do desejo, a inexistência da relação sexual, onde não há correspondência entre os desejos de cada um, parecem não ser mais uma surpresa aos amantes. Embora ainda invistam na função da fantasia em fazer consistir a relação sexual, exatamente porque ela não existe, uma vez que o objeto é por excelência perdido. Elisa Monteiro (2005, p. 111), em seu artigo “Sinthoma, o avesso do amor”, elabora:

O neurótico dá consistência ao Outro e, em sua interpretação fantasmática do desejo do Outro, vai se colocar no lugar do objeto que imaginariamente complementaria a falta do Outro e, portanto, a sua própria.

A psicanálise é uma práxis regida pela ética do inconsciente e pelo compromisso que se estabelece entre o sujeito e seu desejo. Isso permitirá que ele acesse a sua verdade, essa escondida no enigma do sintoma e que é impossível de ser dita por completo.

A perda de uma fantasia que espera que o objeto venha do futuro, mas está no passado. Um abrir-se ao futuro, posto que o desejo é uma pergunta e permanece insatisfeito.

Salvador, agosto de 2025 ❖

Referências

MONTEIRO, E. *Sinthoma, o avesso do amor*. *Latusa*, Rio de Janeiro, n. 10: *Sinthoma, corpo e laço social*, p. 111-124, jun. 2005.

VIEIRA, M. A. *A paixão*. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.



Acting out e passagem ao ato na clínica com crianças

por *Quezia Menezes da Paz*
- Participante do Núcleo
de Psicanálise e Criança
(Carrossel)

Este texto foi apresentado no Núcleo de Investigação de Psicanálise e Criança – Carrossel do Instituto de Psicanálise da Bahia. O Programa 2025 tem como questão norteadora: entre o dito e o dizer, o que se extrai do que fala a criança? A proposta também buscou fazer uma articulação com o Eixo 1 do XII Enapol 2025 intitulado “Falar de isso de que não se pode falar”.

Lacan (1962-1963/2005) sinaliza que o objeto *a* se constitui como resto na relação do sujeito com o Outro, bem como é um dos elementos que caracteriza isso que não é significante. Na clínica, esse “a mais” aparece como um excesso inominável, que pode se desdobrar na forma de mutismo ou verborragia, consumo de substâncias, adição às telas,

errância digital, dificuldades nos laços, diagnósticos e nomeações generalistas. Diante dos embaraços e da invasão da angústia – que denuncia uma presença maciça do objeto, afeta o corpo e impede as palavras –, o que faz (ou como agem) as crianças?

Lacan (1962-1963/2005) faz distinções importantes entre dois fenômenos clínicos fundamentais para a clínica psicanalítica: a passagem ao ato (*passage à l'acte*) e o *acting out*. As duas modalidades do ato, além de índices da ausência de separação do Outro, surgem em contextos de angústia. Embora não sejam a mesma coisa, é por meio do ato, que modifica o sujeito, que a relação com o objeto pode ser colocada em questão.

A passagem ao ato ou um *largar de mão*, como menciona Lacan (1962-1963/2005, p. 129), é visto do lado do sujeito, que – se nos referirmos à fórmula da fantasia – “aparece apagado ao máximo pela barra”. Lacan acrescenta: “o momento da passagem ao ato é o do embaraço maior do sujeito”. A passagem ao ato é descrita por Lacan como uma ruptura com a cena – o sujeito se retira do campo simbólico (do discurso, da relação com o Outro) e atua diretamente no real. É um ato marcado por um movimento brusco, fora do discurso, como uma fuga, um suicídio ou uma agressão repentina.

“

A clínica com crianças nos ensina que, diante do ‘sem-limites’, há um excesso em jogo – que agita o corpo infantil – apontado para um sem-sentido que se revela nas mais diversas formas de atuações”

Lacan exemplifica a passagem ao ato a partir do Caso da Jovem Homossexual (Freud, 1920/2016), que, ao se exibir publicamente na rua com uma dama de fama duvidosa, se encontra com seu pai, que passa por ela com um “olhar furioso”. A jovem então joga-se por cima do muro em direção à linha de trem. É com essa tentativa de suicídio que a jovem passa ao ato – vemos aí uma ação radical, uma saída abrupta da cena, um corte com o sentido e com o Outro. É um ato que visa uma tentativa de ruptura com o Outro, uma busca de separação. O sujeito se encaminha para se evadir da cena, “deixa-se cair”, como se houvesse um curto-circuito entre o objeto e o sujeito.

Por sua vez, o *acting out* para Lacan é o oposto da passagem ao ato. É uma encenação para o Outro, “é, essencialmente, alguma coisa que se mostra na conduta do sujeito. A ênfase demonstrativa de todo *acting out*, sua orientação para o Outro, deve ser destacada” (Lacan, 1962-1963/2005, p. 137). No caso da Jovem Homossexual, toda sua mostra e aventura com a dama de fama duvidosa, elevada à função de objeto supremo, é um *acting out*.

No *acting out*, o sujeito não sai da cena, mas faz cena – dramatiza algo que não consegue dizer com palavras, como uma tentativa de comunicar algo que pode se tornar angustiante. É um ato que está no campo simbólico, e pede para ser interpretado, mesmo que não possa ser compreendido de imediato. Contudo, Lacan (1962-1963/2005, p. 140) nos adverte: “Convém dizer, aliás, que o *acting out* clama pela interpretação, mas a questão é saber se esta é possível”.

Na prática clínica, o *acting out* é o início da transferência, uma transferência selvagem, que cabe ao praticante saber como domesticá-la. A questão é “como fazer o elefante selvagem entrar no cercado, como pôr o cavalo na roda para fazê-lo girar no carrossel”, diz Lacan (1962-1963/2005, p. 140). Vale destacar que é o praticante que poderá ler o ato do sujeito como um *acting out*, mesmo que a atuação não tenha sido dentro do *setting* analítico.

A clínica com crianças nos ensina que, diante do “sem-limites”, há um excesso em jogo – que agita o corpo infantil – apontado para um sem-sentido que se revela nas mais diversas formas de atuações. É sob transferência que o praticante da psicanálise pode ler aquilo que fixa o sujeito num gozo que comanda suas repetições, convocá-lo a minimamente separar-se do Outro e passar de um S_1 a um S_2 , apaziguando algo do corpo. Porém, como nos relembra o argumento do XII Enapol, isso “não é uma aposta simples, as defesas erguem-se como gigantes”. ❖

interpretação

acting out

Referências

FREUD, S. Sobre a psicogênese de um caso de homossexualidade feminina. (1920) In: FREUD, S. *Neurose, psicose, perversão*. Tradução: Maria Rita Salzano Moraes. Belo Horizonte: Autêntica, 2016. p. 157-192. (Obras incompletas de Sigmund Freud)

LACAN, J. Passagem ao ato e *acting out*. (1963) In: LACAN, J. *O seminário, livro 10: A angústia*. (1962-1963) Texto estabelecido por Jacques-Alain Miller. Tradução: Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 2005. (Cap. IX, p. 128-144)

Texto de orientação ao EIXO 1 do XII Enapol 2025. “Falar de isso de que não se pode falar”.



Idioma: língua própria

por *Milla Evans* - associada ao IPB-BA

Para ser, temos que narrar a nós mesmos.
(Rosa Monteiro)

Ao ouvir Mar Becker em uma roda de conversa da Festa Literária Internacional de Paraty (Flip) deste ano, algo me convocou à costura de uma escrita. Mar apresenta a língua como lugar onde se encontra com o outro, como uma tentativa de recuperar algo partilhado. Ela revela que, no lugar de porosidade da palavra, é que consegue a cicatriz da palavra própria. Ali, a escritora nos oferece pistas de um fracassar mais bonito. Uma fragilidade que não se fecha em si, mas se abre à possibilidade de reinvenção.

Miller (2011, p.20) propõe algo semelhante em “Ler um sintoma”, quando fala que “ler um sintoma [...] consiste em privar o sintoma de sentido”, deslocando a interpretação da escu-

“
Como num balé de línguas não tão ensaiado, que tenta dar lugar aos restos, cada qual com seu estilo, sua gambiarra de viver.”

língualíngualíngua
língualíngua
língua

ta do sentido para a leitura do fora do sentido. Um modo de dar forma ao impossível de se dizer diretamente; o que não se presta ao sentido pleno, mas se deixar atravessar por uma língua feita de cortes e troços.

Essa porosidade de que a poeta nos fala toca no sujeito em sua falta-a-ser. Ali onde a palavra escapa ao entendimento e ainda assim faz marca; contorna, mas também pode expor ao vazio.

É o descompasso fundamental da linguagem. Descompasso importante, pois é preciso bambear; errar o passo, narrar, para se abrir a um fazer próprio. Como num balé de línguas não tão ensaiado, que tenta dar lugar aos restos, cada qual com seu estilo, sua gambiarra de viver.

Não se trata de acimentar a ruptura, mas do fazer algo com o esburacamento; com outra verdade de si. Tomando a repetição não como traço patológico, mas como paradoxo que abre condições para o surgimento de algo singular.

O retorno, tanto na poesia quanto na análise, não é mero repetir, mas o que dá acesso a algo único. Em ambas, a repetição se organiza numa rítmica que avança voltando, uma fala que, ao reinscrever palavras e sonoridades, cria um espaço onde o sujeito se reconhece e se reinventa. Essa cadência do retorno permite que o indizível se insinue, que o sintoma ressoe e que a língua própria se forme nas fissuras do enigma, que, no fundo, sempre foi nosso.

Um tornar-se que permite ao sujeito reinventar seu próprio modo de ser, já que repetir nunca é mais do mesmo.

Como nos bem disse Becker: “É nesse lugar de porosidade que se consegue a cicatriz da palavra própria.” ❖

Referências

MILLER, J.-A. Ler um sintoma. *Opção Lacaniana, Revista Brasileira Internacional de Psicanálise*, São Paulo, n. 70, pág. 20, 2011.

BECKER, Mar. Fala da mesa *Todas as formas*. Festa Literária Internacional de Paraty. Paraty, 2025.